

## **“A Igreja deslocou o Evangelho de Jesus à religião dos sacerdotes”**

José María Castillo, teólogo

Costuma-se dizer (e é verdade) que a Religião Cristã tem sua origem em Jesus de Nazaré. Como também costuma-se dizer (e também é verdade) que a Igreja teve seus começos na vida e nos ensinamentos de Jesus. Mas, tão certo, como o que acabo de dizer, é que nem Jesus fundou (ou instituiu) uma Religião, nem fundou (ou instituiu) uma Igreja.

Como ia fundar uma religião um homem que viveu um conflito mortal com os dirigentes da religião, com o templo, com os sacerdotes, os rituais e normas que a religião impunha às pessoas, de forma que tudo aquilo terminou na condenação de Jesus como um delinquente subversivo?

E, pelo que se refere à Igreja, nem sequer o concílio Vaticano II se atreveu a dizer que Jesus foi seu “fundador”, mas que se limitou a indicar que a Igreja teve sua origem na pregação de Jesus sobre o Reino de Deus (LG 5,1). Sabemos que S. Paulo pôs o nome de “igrejas” às “assembleias” que ele foi organizando em suas viagens apostólicas. Mas, sabemos também que Paulo foi um judeu de cultura grega, na qual o termo “ekklesia” designava a assembleia dos cidadãos livres, que se reuniam para votar democraticamente as decisões importantes.

Então, que é o que Jesus nos deixou, se é que acreditamos n’Ele e, portanto, pensamos que seu legado é importante, inclusive determinante e até decisivo? Lendo e analisando a fundo os evangelhos, o que neles fica patente é que Jesus foi um profeta, que transmitiu à sua posteridade um **projeto de vida**, uma maneira de estar e de agir neste mundo. Um projeto de vida que se concretiza a partir das três preocupações fundamentais que o próprio Jesus viveu:

- 1) A **saúde** (relatos de “curas de enfermos”);
- 2) A **alimentação** (relatos de “refeição”, a mesa partilhada);
- 3) As **relações humanas** (ensinamentos sobre a “felicidade, misericórdia, justiça, perdão, amor...)

Este “projeto de vida”, na linguagem e na teologia do Evangelho, se resume e se condensa no **“seguimento”** de Jesus. De forma que a cristologia se constitui primordialmente, não a partir de determinados dogmas e saberes, mas a partir do seguimento de Jesus.

Pois bem, se o que acabo de indicar foi constitutivo e determinante nas origens do cristianismo, em seguida se compreende facilmente como e por que a Igreja encontrou acolhida na Antiguidade ou, pelo contrário, como e por que a Igreja encontra indiferença e até rejeição na Modernidade.

Quero dizer que, nos primeiros séculos de sua história, quando a Igreja foi se organizando e se fez presente na sociedade, o central e determinante de sua vida foi a luta contra o sofrimento e a acolhida de todo tipo de pessoas marginalizadas, excluídas e desprezadas; foi então quando a Igreja se expandiu por todo o Império romano, até chegar a ser a instituição central e mais valorizada naqueles tempos.

Como bem explicou o professor E.R. Dodds, quando o império viveu uma autêntica “época de angústia” (a partir de meados do séc. II até o séc. IV), *“a Igreja oferecia todo o necessário para constituir uma espécie de segurança social: cuidava de órfãos e viúvas, atendia aos anciãos, aos incapacitados e aos que careciam de meios de vida...”*. E acrescenta o mesmo Dodds: *“Deveriam ser muitos os que se sentiram desamparados: os bárbaros urbanizados, os camponeses chegados às cidades em busca de trabalho, os soldados licenciados, os rentistas arruinados pela inflação e os escravos que tinham se tornado livres. Para todas estas pessoas, o fato de entrar para fazer parte da comunidade cristã devia ser o único meio de conservar o respeito a si mesmo e dar à própria vida algum sentido. Dentro da comunidade experimentava-se o calor humano e tinha-se a prova de que alguém se interessava por eles, neste mundo e no outro”*.

Com o passar dos tempos, o centro das preocupações da Igreja foi se deslocando: da luta contra o sofrimento dos pobres e excluídos ao estabelecimento e potenciação da própria autoridade, desembocando no deslocamento do Evangelho de Jesus à religião dos sacerdotes. O central na Igreja deixou de ser o “seguimento” evangélico para ser, a partir de então, o “poder” eclesiástico, que antepõe – na prática – a submissão dos fiéis em vez da solidariedade com os pobres, marginalizados e excluídos.

Enquanto a religião foi um componente central da cultura e da sociedade, a Igreja viu-se a si mesma como fiel à missão que tinha que cumprir neste mundo. Até que na Ilustração, no séc. XVIII, e a “cultura secular” nos séculos XIX e XX colocaram em questão essa concepção de Igreja e nos trouxe a desconcertante situação que estamos vivendo. Continuaremos apegados à nossa tradicional religiosidade ou nos decidiremos pela fidelidade definitiva ao seguimento de Jesus?